

LÉVI-STRAUSS, Claude.

[1985] "O feiticeiro e sua magia" (publicado originalmente em 1949) In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2.ed. pp. 193-213.

A estrutura do texto

1. Introdução e colocação da questão (pp.193-195)

Os 3 aspectos complementares da crença na magia:

- i. crença do feiticeiro na eficácia das suas técnicas;*
- ii. crença da vítima no poder do feiticeiro;*
- iii. confiança da opinião pública;*

2. O episódio dos nambikwara (acontecido no Brasil em 1938) – as duas versões para o desaparecimento do feiticeiro (pp.195-198)

3. Os Zuni do Novo México e o episódio do menino-adolescente que é acusado de enfeitiçar mocinha e elabora versões cada vez mais elaboradas de como ocorreu o feitiço (pp.199-202)

4. Quesalid (fragmento de autobiografia) – **Kwakiutl (Vancouver – Canadá)** (pp.202-206) – **de descrente a feiticeiro**

De descrente a aprendiz de xamã, suspeitas confirmadas

Primeiro sucesso, ainda aprendiz, manutenção de uma atitude crítica

O sucesso junto a uma tribo vizinha e o desespero dos xamãs estrangeiros, primeiras dúvidas de Quesalid

O retorno à aldeia e o desafio vencido por Quesalid que implica na morte do velho xamã de um clã vizinho

Quesalid prossegue na carreira e torna-se menos radical no seu ceticismo, passando até a acreditar na existência de xamãs verdadeiros

5. O complexo xamanístico e seus dois polos (pp.206-210)

Os 3 elementos do complexo xamanístico

*Os dois polos do complexo xamanístico (i. a experiência íntima do xamã; ii. o **consensus coletivo**)*

O espetáculo que o xamã oferece ao grupo: abreção (psicanálise)

A questão da relação entre os pensamentos normal e patológico e a necessária colaboração entre feiticeiro, doente e público para estabelecer uma situação de equilíbrio em que se elabora uma estrutura, um sistema de oposições

6. Considerações finais – comparações (com o sistema científico, com a psicanálise) (pp.211-213)

i. comparação entre o sistema xamanístico e o sistema científico

ii. comparação do sistema xamanístico e do papel da abreção no mesmo com a psicanálise

iii. lições para a psicanálise

iv. o significado das condutas mágicas

Definições de estrutura para Lévi-Strauss

"Se, como cremos, a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e **se as formas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigos e modernos, primitivos e civilizados** – como o estudo da função simbólica, tal como se exprime na linguagem, o mostra de maneira tão notável – **é preciso e basta atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição ou a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e costumes**, sob a condição, naturalmente, de estender bastante a análise."

(AE1 cap. I: "Introdução: História e Etnologia", p.37)

"O princípio fundamental é que **a noção de estrutura social não se refere à realidade empírica, mas aos modelos construídos em conformidade com esta**. Assim aparece a diferença entre duas noções, tão vizinhas que foram confundidas muitas vezes: a de *estrutura social* e a de *relações sociais*. **As relações sociais são a matéria prima empregada para a construção dos modelos que tornam manifesta a própria estrutura social**. Em nenhum caso esta poderia, pois, ser reduzida ao conjunto das relações sociais, observáveis numa sociedade dada. As pesquisas de estrutura não reivindicam um domínio próprio, entre os fatos de sociedade; constituem antes um método suscetível de ser aplicado a diversos problemas etnológicos, e têm parentesco com formas de análise estrutural usadas em diferentes domínios."

(...)

"para merecer o nome de estrutura, os modelos devem, exclusivamente, satisfazer quatro condições:

Em primeiro lugar, uma estrutura oferece um **caráter de sistema**. Ela consiste em elementos tais que uma modificação qualquer de um deles acarreta uma modificação de todos os outros.

Em segundo lugar, **todo modelo pertence a um grupo de transformações**, cada uma das quais corresponde a um modelo da mesma família, de modo que o conjunto destas transformações constitui um grupo de modelos.

Em terceiro lugar, **as propriedades indicadas acima permitem prever de que modo reagirá o modelo**, em caso de modificação de um de seus elementos.

Enfim, **o modelo deve ser construído de tal modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados**."

(AE1 cap. XV: "A noção de estrutura em Etnologia", pp.315-316)

"Então o problema aqui posto pode ser definido como se segue. **De todos os fenômenos sociais, somente a linguagem parece presentemente suscetível de um estudo verdadeiramente científico**, que explique a maneira pela qual ela se formou e preveja certas modalidades de sua evolução ulterior. **Estes resultados foram obtidos graças à fonologia, e na medida em que ela soube, além das manifestações conscientes e históricas da língua, sempre superficiais, atingir realidades objetivas. Estas consistem em sistemas de relações que são, elas mesmas, o produto de uma atividade inconsciente do espírito**. Donde o

75: problema: uma tal redução pode ser empreendida para outros tipos de fenômenos sociais? Em caso afirmativo, um método idêntico conduziria aos mesmos resultados?

Enfim, e se respondessemos afirmativamente à segunda questão, poderíamos admitir que **diversas formas da vida social são substancialmente da mesma natureza: sistemas de conduta dos quais cada um é uma projeção, no plano do pensamento consciente e socializado, de leis universais que regem a atividade inconsciente do espírito?**

(AE1 cap. III: "Linguagem e sociedade", pp.74-75)

"O conjunto dessas estruturas formaria o que denominamos de inconsciente. (...) O inconsciente deixa de ser o inefável refúgio das particularidades individuais, o depositário de uma história única, que faz de cada um de nós um ser insubstituível. Ele se reduz a um termo pelo qual nós designamos uma função: a função simbólica, especificamente humana, sem dúvida, mas que, em todos os homens, se exerce segundo as mesmas leis; que se reduz, de fato, ao conjunto destas leis.

Se esta concepção é exata, será necessário restabelecer, provavelmente, entre **inconsciente** e **subconsciente**, uma distinção mais acentuada do que aquela que a psicologia contemporânea nos habituou a fazer. Pois o **subconsciente, reservatório de recordações e de imagens colecionadas ao longo de cada vida**, se torna simples aspecto da memória; ao mesmo tempo que afirma sua perenidade, implica em suas limitações, visto que o termo subconsciente se relaciona ao fato de que as recordações, se bem que conservadas, não estão sempre disponíveis. Ao contrário, o **inconsciente está sempre vazio**; ou, mais exatamente, ele é tão estranho às imagens quanto o estômago aos alimentos que o atravessam. **Órgão de uma função específica, ele se limita a impor leis estruturais, que esgotam sua realidade, a elementos inarticulados que provêm de outra parte**; pulsões, emoções, representações, recordações. Poder-se-ia dizer que o subconsciente é o léxico individual onde cada um de nós acumula o vocabulário de sua história pessoal, mas que esse vocabulário só adquire significação, para nós próprios e para os outros, na medida em que **o inconsciente o organiza segundo suas leis**, e faz dele, assim, um discurso. **Como estas leis são as mesmas, em todas as ocasiões em que ele exerce sua atividade e para todos os indivíduos**, o problema colocado no parágrafo precedente pode se resolver facilmente. **O vocabulário importa menos do que a estrutura**. Quer seja o mito recriado pelo sujeito, quer seja tomado de empréstimo à tradição, ele só absorve de suas fontes, individual ou coletiva (entre as quais se produzem constantemente interpenetrações e trocas), o material de imagens que ele emprega; **mas a estrutura permanece a mesma**, e é por ela que a função simbólica se realiza."

Acrescentemos que essas **estruturas** não são somente as mesmas para todos, e para todas as matérias às quais se aplica a função, mas que **elas são pouco numerosas**, e compreenderemos porque **o mundo do simbolismo é infinitamente diverso por seu conteúdo, mas sempre limitado por suas leis**. **Existem muitas línguas, mas muito poucas leis fonológicas, que valem para todas as línguas**. Uma compilação de contos e de mitos conhecidos ocuparia uma massa imponente de volumes. Mas se podem reduzir a um pequeno número de tipos simples, se forem postas em evidência por detrás da diversidade dos personagens algumas **funções elementares**; e os complexos, esses mitos individuais, se reduzem também a alguns tipos simples, **moldes** aonde vem agarrar-se a fluida multiplicidade dos casos."

(AE1 cap. X: "A eficácia simbólica", pp.234-235)

“Reconheçamos, antes, que o estudo dos mitos nos conduz a constatações contraditórias. Tudo pode acontecer num mito; parece que a sucessão dos acontecimentos não está aí sujeita a qualquer regra de lógica ou de continuidade. Qualquer sujeito pode ter um predicado qualquer; toda relação concebível é possível. Contudo, **esses mitos, aparentemente arbitrários, se reproduzem com os mesmos caracteres e segundo os mesmos detalhes, nas diversas regiões do mundo.** Donde o problema: se o conteúdo do mito é inteiramente contingente, como compreender que, de um canto a outro da terra, os mitos se pareçam tanto ? (...) Com efeito, esta contradição se parece com aquela que descobriram os primeiros filósofos que se interessaram pela linguagem, e, para que a linguística pudesse constituir-se como ciência, foi necessário primeiro resolver esse problema. Os antigos filósofos raciocinavam acerca da linguagem, como o fazemos ainda acerca do mito. Eles constataram que, em cada língua, certo grupo de sons correspondiam a sentidos determinados, e procuraram compreender, desesperadamente, que necessidade interna unia esses *sentidos* e esses *sons*. A empresa era vã, visto que os mesmos sons se encontram em outras línguas, mas ligados a sentidos diferentes. A contradição só foi resolvida no dia em que se aperceberam que a função significativa da língua não está ligada aos próprios sons, mas à maneira pela qual os sons se encontram combinados entre si.”

(AE1 cap. XI: “A estrutura dos mitos”, p. 239)

LÉVI-STRAUSS, Claude (1908-)

Principais obras:

- (1948) *La Vie Familiale et Sociale des Indiens Nambikwara*
- (1949) *Les Structures Élémentaires de la parenté*
- (1952) *Race et Histoire*
- (1955) *Tristes Tropiques*
- (1958) *Anthropologie Structurale*
- (1962) *Le Totémisme Aujourd'hui*
La pensée sauvage
- (1964) *Mythologiques 1: Le Cru et le Cuit*
- (1967) *Mythologiques 2: Du Miel aux Cendres*
- (1968) *Mythologiques 3: L'Origine des Manières de Table*
- (1971) *L'Homme Nu*

Datas mais importantes:

- (1908) Nasce em Bruxelas
- (1931) Forma-se em Filosofia e em Direito e passa no concurso para professor de filosofia no liceu
- (1935) Parte para o Brasil para ensinar na USP; é aqui que faz suas primeiras incursões etnográficas (cadiveus, bororo e depois nambiquaras)
- (1939) Volta à França
- (1941) Vai para os EUA onde ensina na New School for Social Research
- (1947) Retorno definitivo à França
- (1948) Defende sua tese em Antropologia Social com As Estruturas Elementares do Parentesco
- (1950) É eleito para a Escola de Altos Estudos na cadeira de "Religiões dos povos não-civilizados" (depois "Religiões dos povos sem escrita")
- (1958) É eleito para o Colégio de França na cadeira de Antropologia Social (irá aposentar-se em 1982)
- (1960) cria um Laboratório de Antropologia Social no Colégio de França
- (1973) é eleito para a Academia Francesa
- (1982) Aposenta-se do Colégio de França

"Você me interroga a respeito das influências que sofri: no fundo, sou um kantiano comum; e ao mesmo tempo, talvez, **estruturalista de nascença**: minha mãe contou-me que, ainda incapaz de caminhar e muito longe de saber ler, um dia gritei, do fundo do meu carrinho, que as três primeiras letras das tabuletas do boucher (açougueiro) e do boulanger (padeiro) deviam significar bou, já que nos dois casos eram iguais. **Naquela idade, eu já procurava invariantes !**" (LÉVI-STRAUSS, Claude e ERIBON, Didier. *De perto e de longe*, pp.140-141)